



# UNIVATES

UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI UNIVATES

CURSO DE PEDAGOGIA

**UMA AVENTURA AUTOBIOGRÁFICA:  
MEMÓRIAS DA FORMAÇÃO DOCENTE**

**Jéssica Fernanda Zarth**

Lajeado, outubro 2018

Jéssica Fernanda Zarth

**UMA AVENTURA AUTOBIOGRÁFICA:  
MEMÓRIAS DA FORMAÇÃO DOCENTE**

Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Curso II, do Curso de Pedagogia, da Universidade do Vale do Taquari - Univates, como avaliação do semestre.

Orientadora: ProfªDra. Tania Micheline Miorando

Lajeado, outubro 2018

Dedico este trabalho a todas as pessoas que, assim como eu,  
são apaixonadas pela Educação.

Não há tempo que apague, nem ninguém que possa ocupar o lugar de quem amamos. As memórias contam histórias, as lembranças nos fazem reviver momentos maravilhosos que compartilhamos. Nunca nos deixando esquecer de quem realmente foi especial para nós.

Agradeço de forma especial a minha família, que é a raiz de quem somos. Muito obrigada pela influência positiva e pelo amor, que moldaram a minha vida!

Agradeço à minha orientadora Tania Micheline Miorando. A minha tão admirada Tania, que viveu comigo essa viagem a qual tanto almejei fazer, os momentos de constantes aprendizagens, as inúmeras trocas, os diálogos, os estudos. Ela aceitou o desafio de me orientar, aceitou fazer uma aventura junto de mim. Esteve ali, e está, disposta, presente, companheira, AMIGA! Compartilhei minha vida com uma pessoa de tamanha admiração e afeto.

Agradeço à minha avaliadora, professora Rosiene Haetinger, pessoa que dedicou seu precioso tempo em me auxiliar com suas considerações valiosíssimas. Me emocionou com suas palavras, soube ler de forma tão minuciosa cada detalhe! Quão bom é ter esse retorno de forma tão completa e de extrema competência.

Agradeço às escolas que passei até o momento, lugares que contribuíram muito para o meu crescimento pessoal e profissional.

Agradeço à Universidade do Vale do Taquari - Univates, bem como aos profissionais que contribuíram para que eu me tornasse a pessoa que hoje sou. Intensos foram, as trocas e as aprendizagens. Este foi o lugar que escolhi para a realização de um grande sonho: a graduação em Pedagogia.

Sentimentos coloridos, vontades inteiras, gentilezas sem fim e aquele friozinho na barriga de uma vida vivida intensamente. É a partir desta frase, que agradeço a cada criança que tive a oportunidade de conhecer, ensinar e amar. A cada troca, a cada diálogo, muitas são as aprendizagens que carrego em minhas bagagens. É por eles, que meu traçar pela Educação acontece diante de muita dedicação, comprometimento e responsabilidade.

E ao findar destes agradecimentos, eu ofereço a Deus, a minha Gratidão!

Figura 1 - Caminhos. Bem vindo, a bordo!



“A vida dói... Para mim o tempo de fazer perguntas passou. Penso numa grande tela que se abre, que se me oferece intocada, virgem. A matéria também sonha. Procuro a alma das coisas. Nos meus quadros, o ontem se faz presente no agora. A criação é um desdobramento contínuo, em uníssono com a vida. O auto-retrato do pintor é pergunta que ele faz a si mesmo, e a resposta também é interrogação. A verdade da obra de arte é a expressão que ela nos transmite. Nada mais do que isso!” (CAMARGO, 1998, p. 36)

## RESUMO

Apresento uma investigação que busca analisar a importância em se pensar a construção autobiográfica como possibilidade para a autocompreensão e o conhecimento de si, baseada na contextualização de narrativas de vida a partir de lembranças e fotografias. O estudo possui três eixos temáticos: memórias da infância, fazeres pedagógicos e desafios da formação docente. Esta é uma investigação realizada na forma de autobiografia (ABRAHÃO, 2004), na qual assumo problematizar minhas vivências como parte da construção da formação para a docência. Trago como campo conceitual para a promoção deste estudo as narrativas de vida e a pesquisa autobiográfica, que vêm discutidas em relação ao tempo, às memórias e à fotografia. Os provocadores da minha escrita são a fotografia e o diálogo como ferramentas e dispositivos de leitura na produção da investigação. As fotografias dão voz ao contexto da realidade, tornando possível um diálogo atemporal, revendo passagens e alcançando palavras para a leitura e registro da autobiografia. É através da história de vida, contada com o auxílio da fotografia, que tornou-se possível a aproximação a uma imagem reconstruída no presente, diante do significado que atribuí às trajetórias vivenciadas. Nos aprimoramos em um processo de formação, uma vez que se reconfiguram os tempos vividos através de imagens transcritas em narrativas de vida e formação. São autores importantes para o desenvolvimento deste estudo: Maria Helena Menna Barreto Abrahão (2004), Philippe Ariès (1981) e Iberê Camargo (1998). A minha história de vida é compreendida como um reforço na construção do processo de formação para a docência por ser uma elaboração construída por mim, vivenciando as minhas experiências, desde muito antes do início da vida acadêmica no curso de Pedagogia. A escrita autobiográfica leva a compreender a própria vida e os sentimentos que nos interpelam. E através disso, permitir-se a questionar possibilidades acerca da compreensão do cotidiano, espaço onde acontece a Educação. A pesquisa autobiográfica permite uma análise sobre os modos que os sujeitos se compõem perante a sociedade, propiciando pensar sobre as experiências de socialização, tão importantes no fazer docente. A narrativa é um elemento para dar novas significações ao vivido, uma vez que permite o estudo para rever, não como a vida foi, mas sim, como um trabalho que prioriza pensar os sentidos diante da vida por quem a viveu.

**Palavra-chaves:** Autobiografia. Formação Inicial de Professores. Docência. Educação. Narrativas de Formação.

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

- Figura 1 - Caminhos. Bem vindo, a bordo! ... 5
- Figura 2 - E eu, quem sou? ... 9
- Figura 3 - Os obstáculos aparecem. ... 15
- Figura 4 - Um grãozinho, no universo. ... 22
- Figura 5 - A alma floresce! ... 26
- Figura 6 - As necessidades. ... 29
- Figura 7 - Sustentada por uma formação. ... 32
- Figura 8 - Desacelerou! Qual é a reação? ... 35
- Figura 9 - O conflito. ... 39
- Figura 10 - Circunstâncias. ... 42
- Figura 11 - O novo. Assusta? ... 48
- Figura 12 - O motivo. ... 55
- Figura 13 - Reerguer-se e seguir. ... 65
- Figura 14 - A vida: um privilégio. ... 67

## SUMÁRIO


<b>1 ARMAZENADO NA MEMÓRIA</b>	<b>12</b>
<b>1.1 A vida é um privilégio: viver compondo a minha história</b>	<b>14</b>
<b>2 A CAIXA DE FERRAMENTAS: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	<b>18</b>
<b>2.1 Conversas sobre a autobiografia: um modo de ser</b>	<b>19</b>
<b>2.2 Documento fotográfico: a fotografia estimulando a memória</b>	<b>20</b>
<b>3 GAVETA DOS GUARDADOS</b>	<b>23</b>
<b>3.1 Vestígios de uma infância: 1995 - da memória à ficção</b>	<b>23</b>
<b>3.2 O corpo, suas marcas, suas mensagens</b>	<b>48</b>
<b>4 FORMAÇÃO DOCENTE: DESAFIOS PRESENTES</b>	<b>59</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>69</b>




Figura 2 - E eu, quem sou?




“Nós somos o que somos, não o que virtualmente seríamos capazes de ser.”  
(CAMARGO, 1998, p.31)




*Palavras, encontros, emoções, desencontros.  
Um encontro... este lugar é outro.  
Este lugar é único, é especial, é vivido com emoção e encantamento.  
Um caminho. Balançam as ideias...*



*Ninguém responde aos meus sorrisos, aos gritos de socorro e de alívio.  
Este é o sentimento que perpassa sobre mim.  
Atenho-me às memórias, à história.  
Atenho-me a passos curtos, passos longos.  
Os dedos se mobilizam: é sede de escrita.*



*Há marcas por toda a parte,  
marcas de lembranças, de brinquedos, de pessoas, de palavras, de objetos.  
O que fazer?  
Compartilhar, amar, viver e percorrer.  
Cria-se uma autoria. Uma autoria tão linda, e, ÚNICA.  
Bem-vindo a bordo!*



## **1 ARMAZENADO NA MEMÓRIA**

Começo a escrever esta monografia, ao final do curso, em meu nono semestre. Quero recordar as memórias da formação docente. E, à medida que vou me permitindo ao exercício de recordar, percebo o quanto preciso retornar aos passos dados em minha infância. “Armazenado na memória” é o relato inicial desta viagem no tempo, composto por episódios de uma menina/mulher que cresceu acreditando em mudanças, crescimento, agregando muitas aprendizagens em seu desenvolvimento enquanto criança, jovem e hoje, professora em formação para atuar na Educação.

A primeira estratégia foi buscar momentos formadores no decorrer de minha vida. Partindo desse alicerce, organizei fotografias que reforçam as memórias da minha infância e da minha juventude, até a fase presente que me encontro. Neste exercício, permeiam em narrativas, minhas paixões, minha família, e, na medida do possível, vou me permitir a uma sequência que possibilitará realizar uma leitura mais ampla da minha história.

A minha vida é uma caminhada. E é diante desta caminhada, que vou buscar analisar as memórias, em uma narrativa autobiográfica, a fim de pensar sobre os desafios enfrentados no fazer docente contemporâneo durante a formação profissional. A narrativa é baseada na contextualização da minha vida pensada a partir de lembranças e fotografias.

Vale salientar que, ao me deter às lembranças e fotografias, terei que trabalhar práticas de leitura presentes em minha vida. Necessito compreender como aconteceu a história até aqui, como me permitir ler cada uma dessas imagens que ficaram como memórias e foram significativas na formação. Esta habilidade está relacionada com a compreensão de vida que experimentamos.

Diante dessa perspectiva é que vou interpretando os fatos e entrelaçando-os a partir de diferentes movimentos. O meu olhar vasculha teóricos que registram e sistematizam ideias que sustentam as escritas, as minhas posições e relações da minha prática e vivência diária; o gesto condiz muito a uma observação atenta e problematizadora. São experiências, que vão me fornecendo elementos e ajudando a compreender a minha história.

Esta organização de voltar a experiências passadas, para possivelmente compreender a minha caminhada, será uma reflexão que me possibilitará pensar sobre a memória. Vou me permitir a partir deste exercício, reencontrar-me comigo, assumindo a identidade que carrego durante o passar dos anos, porém, com maior clareza e compreensão.

Apontando traços fundamentais da autobiografia, projeto uma organização desta investigação. Na primeira parte, procuro destacar a caixa de ferramentas, por exemplo mostrando como esta autobiografia foi desenvolvida e pensada. O capítulo está estruturado para explicar o conjunto de procedimentos metodológicos, a partir dos objetivos traçados, que auxiliaram na elaboração e investigação do problema. Procuro apresentar a pesquisa neste estudo, quanto ao método, à abordagem, à produção dos dados, análise e interpretação dos resultados.

Nas lembranças da infância, identificando as memórias, me remeto a pensar a segunda parte. Quando se é criança, emoções são vividas, experiências se consolidam de uma maneira especial, de forma tão única que, talvez uma escrita autobiográfica possa me remeter a viajar para esse tempo e revivê-las de uma maneira tão singular como se fosse no momento presente. Aqui, gostaria de falar de mim. Quero recordar, quero escrever, quero pensar sobre a minha caminhada. Escrever é pensar. Lembrar daquela criança que sorriu, que andou de balanço, subiu nos troncos mais altos, imaginou ser soldada, princesa, vivendo em lugares muito distantes que existem tão presentes dentro de mim. Criar um mundo a partir dos sonhos e brincadeiras e nele tornar-se uma grande autora de sua própria história.

Na terceira parte, me permito a analisar o fazer docente na contemporaneidade. Ao me remeter ao estudo da minha biografia, é possível considerar que uma das principais características é a busca da identidade profissional em que a abordagem centraliza-se em minha história de vida. No processo formativo há possibilidade de

construirmos hábitos e saberes. A vida torna-se um espaço de momentos formadores. Eu carrego comigo experiências que são significativas, que ao longo da minha formação docente me levam a pensar sobre a reprodução dos valores sociais.

A quarta parte foi fruto de pensar sobre os desafios enfrentados no fazer docente contemporâneo. É diante da minha escolha em ser professora, neste momento em formação inicial, que me ponho a pensar sobre os desafios do professor na contemporaneidade. Acredito que esta investigação foi fundamental para a confirmação da escolha da minha formação docente uma vez que, muito me encontro a pensar sobre a importância da atuação do professor.

O ciclo narrativo chega a seu enredo final. Esta intensa viagem foi a grande responsável pela constante renovação de meu ser, enquanto criança, e, depois, como acadêmica em formação. Acredito que com esforço contínuo, vamos nos permitindo a um diálogo profícuo seguido de um amadurecimento e crescimento pessoal.

### **1.1 A vida é um privilégio: viver compondo a minha história**

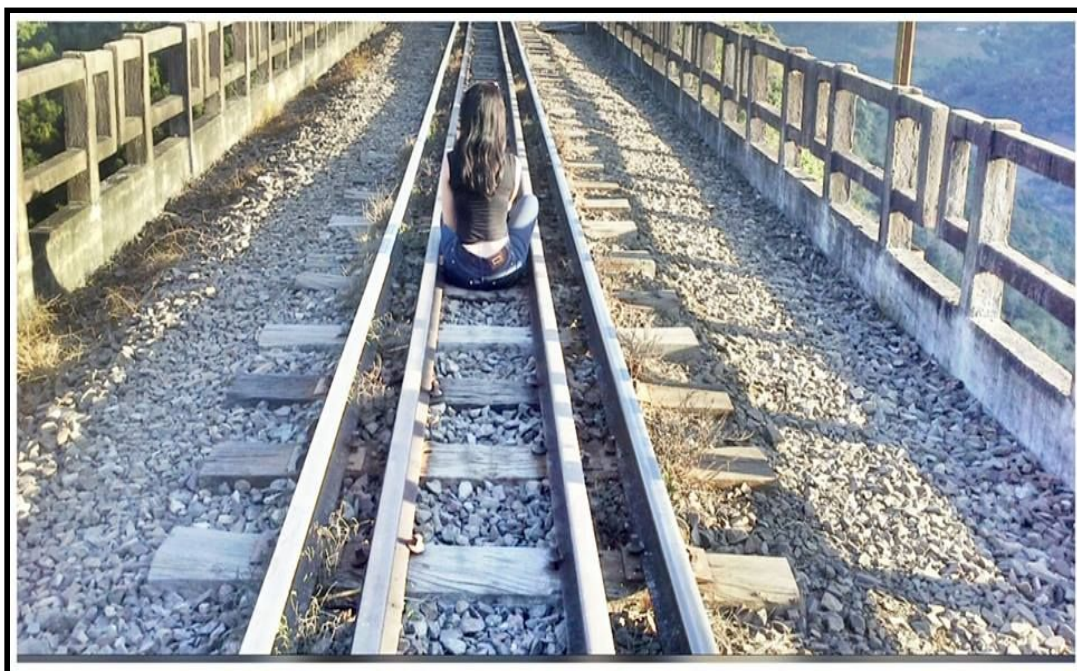
Aqui, o meu maior interesse é uma linda história de vida. Não são os momentos de felicidade que apenas importam, mas são as marcas que são levadas no enredo desta aventura autobiográfica. A vida humana é marcada por muitos acontecimentos. O que é importante para mim neste momento é poder compartilhar, contando sobre o caminho percorrido, tudo o que meus olhos presenciaram e a mente registrou.

Na busca do desenvolvimento do trabalho, tenho clareza que terei que lidar com minhas frustrações. Na memória, há um pouco de história. Existe uma sensibilidade dentro de mim, daquela que se pôs a vivenciar algumas partes outra vez e as transformou em uma aventura autobiográfica.

Me remeto ao exercício de escrever, pensar, rabiscar, imaginar e recordar. Me permito enxergar o que há no mundo. Passo a resgatar o sentimento deixado para trás. Será possível? Quem sabe. A escrita permite apresentar o passado, real ou como se gostaria de vê-lo. É explorar o exercício do imaginário e da criação. Nada é improvável, aqui tudo será possível. Para além das palavras, há imagens.

Impulsionar e ir. Impulso como intencionalidade, um movimento próprio do sujeito que se vê na necessidade de perceber a sua potência. Potência vista como desejo e vontade de quem quer vasculhar o mundo, experimentando a partir de suas próprias vivências. É sair do lugar comum que me encontro. Um encontro singular, incomparável, no intuito de autoconhecer, pensar sobre as escolhas feitas durante a vida. A partir deste momento, começo a me dedicar a uma narrativa da qual tanto almejei: a escrita do trabalho de conclusão de curso que buscará repensar minha própria história de vida e formação.

Figura 3 - Os obstáculos aparecem.



“Minha bagagem são os meus sonhos.”  
(CAMARGO, 1998, p.31)

*Durante a minha formação acadêmica, me remeto a pensar sobre a importância do processo de construção de uma narrativa que possibilita a autocompreensão e o conhecimento sobre mim. Com este trabalho, desperto as lembranças vividas na trajetória da vida, para pensar sobre a minha formação docente.*

*Vinte e três anos de vivências para a reflexão sobre uma história de vida em formação. Quero permitir rever a minha história, a de uma aprendiz, e fazer a relação com o conhecimento, abrindo possíveis meios para a experiência, a fim de acompanhar e facilitar um projeto que busca uma orientação profissional.*

*Uma intensa narrativa, descrita pela caminhada, o trabalho e a perseverança de uma pessoa chamada Jéssica Fernanda Zarth. Passo a permitir-me a uma admiração de apreciar o vivido, o experiencial, em seu complexo processo de formação.*



## **2 A CAIXA DE FERRAMENTAS: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

O objetivo da investigação que apresento no desenvolvimento deste trabalho busca analisar as memórias de infância, a fim de pensar sobre os desafios enfrentados no fazer docente contemporâneo durante a formação profissional. Uma das maneiras que procuro investigar esta questão foi a escolha pela pesquisa autobiográfica que vem me auxiliando a dissertar sobre as categorias do meu estudo: memórias da infância, fazeres pedagógicos e desafios na formação docente.

Com relação à abordagem deste estudo é possível descrevê-la como qualitativa, pois, “Na pesquisa qualitativa, de forma muito geral, segue-se a mesma rota ao realizar uma investigação. Isto é, existe uma escolha de um assunto ou problema, uma coleta e análise das informações” (TRIVIÑOS, 1987, p. 131).

Darei desenvolvimento à produção de informações a partir da leitura de imagens, em que a minha história de vida será compreendida como um reforço positivo da reconstrução do processo de produção desta investigação. Uma elaboração construída por mim, vivenciando as minhas experiências desde muito antes do início da carreira acadêmica do curso de Pedagogia. Para esta escolha, cabe destacar, que desde o início do estudo até os resultados esperados, será trabalhado com emoções, intuições e lembranças, vividas no decorrer dos meus vinte e três anos de vida, juntamente com um referencial teórico que abrangerá o tema em destaque: a autobiografia.

O relato das experiências de vida será um valioso suporte para que esta investigação seja coerente. Me possibilita o fazer pensar, o problematizar e o questionar as situações que permeiam a escrita durante a fase de construção deste trabalho de conclusão de curso.

De acordo com Chemin (2012) a pesquisa qualitativa tem o intuito de investigar valores, atitudes, percepções e motivações a partir de um problema. Além disso, essa pesquisa não tem o objetivo de quantificar dados, mas sim qualificá-los, compreendê-los em sua profundidade. A pesquisa qualitativa busca auxiliar na compreensão das ações dos sujeitos investigados, “[...] por exemplo, parte da sua vida diária, sua satisfação, desapontamentos, surpresas, emoções, sentimentos, desejos [...]” (CHEMIN, 2012, p. 56).

Portanto, essa investigação, que se dá a partir da autobiografia para a reflexão da minha história de vida, traça alguns campos conceituais para a promoção deste estudo, quais sejam, as narrativas de vida, pesquisa autobiográfica em relação a tempo, memórias e a fotografia. As referências utilizadas são a partir de autores como: Maria Helena Menna Barreto Abrahão (2004), Philippe Ariès (1981), Iberê Camargo (1998), dentre outros que virão no decorrer do estudo.

## **2.1 Conversas sobre a autobiografia: um modo de ser**

O trabalho da autobiografia é constituída por narrativas em que as pessoas lembram sobre fatos que aconteceram, bem como, organizam a experiência em uma sequência, para tornar-se conhecida uma trajetória de vida. Esse processo de construção tem como objetivo na narrativa, a possibilidade de autocompreensão: um conhecimento baseado na trajetória de si.

[...] foi na área da educação que o método (auto)biográfico obteve maior utilização e desenvolvimento. Por volta dos anos 1980, nessa área, houve o incremento dos estudos sobre formação docente, com ênfase sobre a pessoa do professor, o que veio favorecer o aparecimento de um grande número de obras e estudos sobre a vida dos professores, suas carreiras e os percursos profissionais, as (auto)biografias docentes ou o desenvolvimento pessoal dos professores. (MOURA, 2004, p.125).

Enquanto investigadora, passo a me remeter a uma escrita autobiográfica, buscando um sentido na história de vida, propondo-me a uma narrativa. Esta, que possibilita a reconstrução de um passado, considerando o momento presente, revisando-o e assim, tornando a minha investigação uma história passível de compreensão por mim mesma.

São as pessoas importantes para si mesmas ou para outrem, que escrevem memórias e autobiografias. Algumas escrevem e reescrevem suas memórias e surge-me a hipótese de que talvez a autobiografia só possa ser escrita de uma vez, mas as memórias muitas. O significante sob o qual funciona a autobiografia não permitiria que fosse diferente: um só autor, uma só vida, uma só grafia. A memória é desdobrável e sujeita às provocações, estimulações e à subjetividade que tornam as memórias incontrolláveis. (LOPES, 2004, p. 234).

A escrita autobiográfica leva a compreender a própria vida, os sentimentos. E através disso, permitir-se a questionar possibilidades de condições acerca da compreensão do cotidiano. A pesquisa autobiográfica permite uma análise sobre os modos que os sujeitos se compõem perante a sociedade, propiciando pensar sobre as experiências de socialização.

Elaborar a pesquisa pelo método autobiográfico significa buscar informações a partir do exercício da memória, sendo esta, um dos elementos fundamentais alicerçada na história de vida. Mesmo esta sendo uma investigação que se utiliza de diversas fontes, como narrativas, fotos, documentos, faz uso do exercício de recordar, tornando este, o componente essencial na construção do sujeito na pesquisa.

Ao trabalhar com metodologia e fontes dessa natureza o pesquisador conscientemente adota uma tradição em pesquisa que reconhece ser a realidade social multifacetária, complexa, socialmente construída por seres humanos que vivenciam a experiência de modo holístico e interrelacionado, em que as pessoas estão em constante processo de autoconhecimento. (ABRAHÃO, 2004, p. 203)

Ao estimular o trabalho com a memória é possível entrelaçar aspectos do passado, presente e futuro. A narrativa é um elemento de grande significações, uma vez que não permitirá um estudo sobre como a vida foi de fato, mas sim, um trabalho que prioriza o pensar diante de uma vida por quem a viveu.

## **2.2 Documento fotográfico: a fotografia estimulando a memória**

A fotografia e o diálogo são ferramentas e dispositivos de leitura para a escrita. As fotografias deram voz ao contexto da realidade, tornando possível a escrita da minha autobiografia. A partir destes recursos é possível que eu faça uma aproximação da minha imagem reconstruída no presente, diante dos significados que foram atribuídos à

minha trajetória vivida. Na atividade que me detenho a pensar sobre mim, de pesquisar sobre a minha formação, busco a imagem como elemento auxiliador, para reviver outros tempos, outros espaços e práticas vivenciadas por mim.

É certo dizer que ao olharmos uma fotografia, a memória é ativada de forma que acabamos lembrando de toda uma situação relativa ao instante em que se desenrolou o fato registrado e, conseqüentemente, outros fatos que não estão presentes na imagem fixada, detalhes subjetivos que enriquecem e se transformam em informações que podem interessar à pesquisa proposta. (OLIVEIRA; OLIVEIRA; FABRÍCIO, 2004, p.176).

Isso talvez me levará a realizar uma compreensão maior dos caminhos traçados, nos deslocamentos presentes, individual e coletivamente. A fotografia possibilita pensar sobre os detalhes guardados durante os anos. A prática de reviver essas lembranças faz que eu tenha um repertório com mais sentidos sobre situações passadas no decorrer de minha vida.

A fotografia, desde sua invenção, está associada à ideia de realidade, de comprovação do real, prova de que os fatos captados e fixados no instantâneo aconteceram e da maneira como ali estão, um documento, portanto, de prova incontestável. (OLIVEIRA; OLIVEIRA; FABRÍCIO, 2004, p. 174)

É através da história de vida, contada com o auxílio da fotografia, que torna-se possível uma aproximação de imagens reconstruídas no presente diante do significado que vou atribuir às trajetórias vivenciadas. As imagens transcritas numa autobiografia, nos leva a aprimorar em um processo de formação, uma vez que se reconfiguram os tempos vividos através de comportamentos possíveis.

O exercício de falar sobre mim mesmo, amparada por registros fotográficos possibilita reviver outros tempos, intervir sobre outros espaços e a pensar as práticas discursivas. Este processo facilita que se compreenda os distanciamentos dos sentidos, de forma individual e de forma coletiva, perante a sociedade pela memória que provoca reavivar.

A minha biografia é um convite. Estou abrindo a porta de um mundo que eu tanto guardei só para mim. Uma vontade de gritar todas as palavras, dúvidas, opiniões, questionamentos e problematizações. Viver, reviver, se deliciar, se desencantar. Vai muito além de apenas escrever, rascunhar e passar tudo para outra folha, exige persistência.

Um exercício de apagar e escrever. Riscar, rabiscar. Escuto uma música, leio um, dois, três livros e assim vai se formando um parágrafo, o primeiro. Escrevemos o segundo, onde encaixá-lo? Eu não sei. Dou uma pausa, uma volta. No fim, o começo vira meio, o fim vira começo, as ideias se embaralham e um texto está em construção. Segundo Iberê Camargo (p.31, 1998), “a memória é a gaveta dos guardados. Nós somos o que somos, não o que virtualmente seríamos capazes de ser”. Apresento a seguir a minha gaveta dos guardados. Os vestígios de uma infância.

### 3 GAVETA DOS GUARDADOS

#### 3.1 Vestígios de uma infância: 1995 - da memória à ficção

Figura 4 - Um grãozinho no universo.



“Cada artista tem seu tempo de criação.”  
(CAMARGO, 1998, p. 32)

*Me emociono e me sensibilizo muito com esse momento presente nesta ecografia. Minha mãe gerava uma vida, uma menina. Será que havia expectativas, existiam medos, angústias? Não sei dizer. Faz tanto tempo, tantos anos, eu ainda não tinha vindo ao mundo para apreciá-lo, vivenciá-lo. Passo a imaginar o momento: dentro do útero, produzia os meus primeiros movimentos. Os primeiros movimentos de vida. Mexia para cá, mexia para lá. O espaço era pequeno, mas o suficiente para que me deixasse protegida. Imagino o misto de sentimento que um bebê no ventre de sua mãe sente. A cada palma da mão acariciando a barriga, a cada transformação da mamãe, que engordou quinze quilos durante a gestação, será que era eu sentindo fome lá de dentro? Não sei, e nunca vou saber. Mas faço desse momento, um momento único. Pois foi a partir dali, que a minha trajetória de vida iniciou. Enfrentamos juntas, mamãe e eu, barreiras até que vim ao mundo, barreiras difíceis que vou compartilhar com você.*

*Mas nada impediu que a minha vinda fosse especial, cheia de saúde.*

*Um momento especial, em que eu, através do meu primeiro choro, estava anunciando:*

*Ao mundo, cheguei!*

Pensar a formação docente exige que eu me permita fazer um resgate de aspectos de minha infância para que possa surgir possíveis comparações acerca do contemporâneo. Tiro-me da realidade em que me encontro e me perco nas lembranças passadas. Me pergunto onde tudo começou. Realizo neste instante, uma retrospectiva de como tudo se constituiu em minha vida e como tudo chegou onde está.

É nos vestígios de minha infância, identificando as memórias, que me remeto a continuar esta investigação. No tempo de criança, emoções foram vividas e experiências foram contextualizadas. Vou falar de mim, para conseguir pensar sobre a minha caminhada e a docência.

A infância, aqui tomo como referência, passível de um diálogo permanente, possível comigo mesma sobre a minha formação. Desde criança, sempre tive um sonho dentro de mim: o de crescer e me tornar professora. Me ponho a pensar sobre a minha infância e os significados possíveis de serem compreendidos para que eu pudesse me tornar uma acadêmica cada dia mais apaixonada pela educação.

Ao revisitar uma fase, a qual tanto admiro, a infância, a saudade invade o meu corpo e encontro muitas surpresas. Estas, possíveis, pela viagem no tempo. Um ato que reacende a minha memória e a identidade que carrego. O lugar em que vivemos e passamos, nos constitui. As pessoas com quem convivi me possibilitaram grandes aprendizagens.

Infância, estação primeira do espírito, com que convivemos, que nos interroga em cada encontro e nos pergunta se dela saímos, se nos emancipamos, nos desenvolvemos ou a ela voltamos. Se a possibilidade de sermos, de ser da infância, se tornou realidade em nós mesmos. Não apenas convivemos com a infância como pedagogos. A ela, a nossa infância voltamos como referência. Por ela recomeçamos cada dia, quando nos repensamos pedagogos. Ser pedagogo é um dever de estarmos em percurso de formar-nos, de tornar-nos possíveis. (ARROYO, 2000, p.42)

Me permito falar então, sobretudo de tempo. Tempo veloz. Tempo ágil. Como esse tempo insiste em fazer parte de uma história? Da minha história?! Quando? Onde? No ventre de minha mãe dei os primeiros sinais de que a minha caminhada seria longa, cheia de enredos. Os pés, aos poucos sendo formados, davam sinais de evolução e crescimento. Fui um ser que estava para vir ao mundo, segundo a ecografia, no dia nove



de abril de mil novecentos e noventa e cinco. A bolsa estourou no dia vinte e oito de fevereiro e pude dar meus primeiros movimentos, apenas, no dia dois de março.

Em diálogo com minha mãe, soube que ela engordou quinze quilos para eu vir ao mundo, pesando apenas dois quilos e seiscentos gramas e medindo quarenta e cinco centímetros. Me deparei hoje a pensar, sobre o tamanho do meu corpo, das minhas mãos, dos meus pés. Cheguei ao mundo de forma tão indefesa e forte ao mesmo tempo.

Figura 5 - A alma floresce!



“A memória pertence ao passado.”  
(CAMARGO, 1998, p. 33)

De um sorriso banguela, vejo eu, uma menina sonhadora. Meus olhos brilhavam para a vida. Eu tinha pressa! Me ponho a pensar sobre essas minhas mãos agarradas na cadeira de vime. Será que meu corpo era frágil e precisava se segurar para não cair? Eu não tinha nem corpo, e permaneci, por mais que as mãos estavam agarradas, permaneci sentada, firme. A persistência já habitava meu contexto nesse ano. Portanto, a leitura que faço desta imagem é que precisamos, vamos, vamos viver!

Muita coisa me esperava nessa caminhada. E quero fazer de cada instante, um momento único. Um momento emocionante.

Os pés hoje cresceram, os passos já não são mais tão lentos, ela continua, com a principal essência da vida: este sorriso, único e iluminado.

É na infância que aprendi a construir castelos. Desvendei mistérios. Enfrentei dragões, bruxas, lobos. Passei meus dias inventando e reinventando brinquedos. Uma folha de jornal se tornava meu chapéu, enquanto eu brincava marchando feito um soldado. E o barquinho construído de papel? Brincar na água sempre foi uma das minhas brincadeiras preferidas da infância, mesmo que minha mãe e meu pai me impediam por medo de eu pegar um resfriado. Um balde e uma folha de jornal me prendiam por horas e ali vivia as mais lindas histórias de viajante.

Minha bagagem me remete aos meus sonhos. Desde os meus primeiros movimentos de vida, passo a viver. Viver é andar, é descobrir, é conhecer. Ao meu transitar pela vida de professora, fixo a imagem que me apresento no agora e recorro de momentos que hibernaram na memória. Gostaria de voltar a ser criança, agarrar as lembranças e resgatar grande parte da minha infância.

Entendo que a minha vida é uma caminhada. Trilho um caminho. Um caminho nem sempre percorrido de sorrisos radiantes. Temos cicatrizes que custam a sarar. Estas que percorrem a nossa história são o nosso passado que carregamos até o fim de nossas vidas. Mas um passado necessário, pois sem ele, não teríamos esta bagagem para analisar, problematizar e reviver.

Figura 6 - As necessidades.



“Eu apenas objetivei em forma o enigma que estava dentro.”  
(CAMARGO, 1998, p.36)

*Procuro falar dessa imagem... Eu no colo de minha mãe. E novamente, a tristeza invadiu o meu ser. Agora, faço outra pausa. Silenciosamente, me ponho a pensar. Lembrar, não é tarefa fácil e, tampouco, consigo fazer isso em meio a uma multidão. Pequenas lembranças, muitos desafios em vista. Quando com dois anos, minha mãe me levou à "Creche", hoje conhecida como Escola de Educação Infantil, era exatamente esse sentimento que estava presente em meus dias. Lembrar desde 1997... e para me auxiliar, conversei com a minha mãe. Em seu relato, ela disse que eu não queria ficar de jeito nenhum na creche. Gritava, implorava por esse colo de minha mãe. Ou então, corria aos braços de meu irmão que estava no mesmo ambiente que o meu. Mas nem mesmo a presença dele na escola, me fez querer permanecer naquele espaço. Aconteceu o que eu tanto almejava: minha mãe me tirou e ficou comigo em casa. Oh, era tudo o que eu queria. E esta imagem permaneceu no decorrer de minha história da educação durante uns cinco anos. Não tenho boas lembranças dos meus primeiros momentos escolares.*

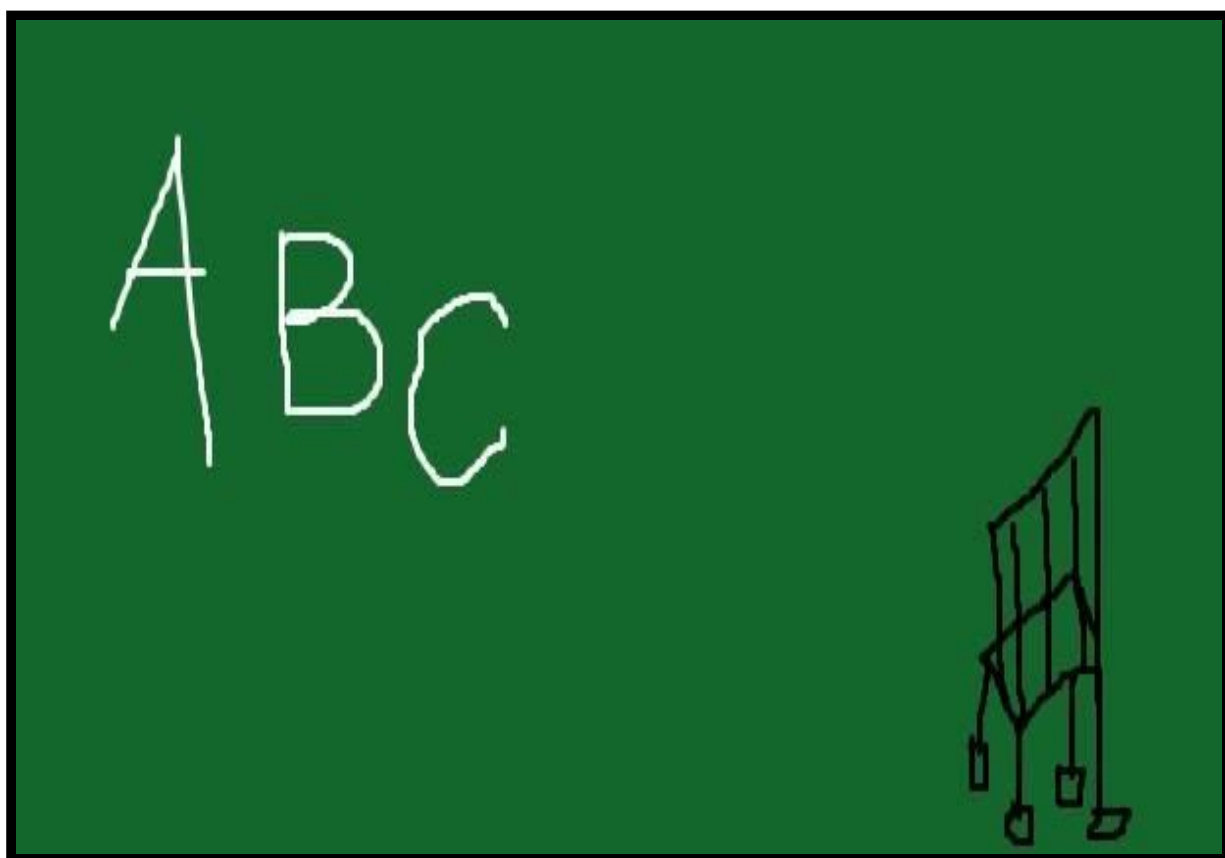
Me permito uma pausa, para analisar o presente. Quando um recém-nascido é direcionado ao seio materno para que possa ser alimentado pela primeira vez, precisa ter o auxílio de outras pessoas para encontrar o ponto certo para sugar. Se a criança exercitar essa prática com força, a quantidade de alimento que sai será maior que sua capacidade de engolir, possivelmente, fazendo-a engasgar. Nesse período, necessita ser ajudada novamente, para que possa se livrar do excesso do leite e ao mesmo tempo, liberando o ar que acaba por engolir também.

Afirma-se, nesse sentido, que a criança é um ser social, na qual seu desenvolvimento se dará mediante a intervenção de outros seres humanos, em espaço e tempo delimitados e que é muito importante. É diante dessa interação social que a criança passará a utilizar instrumentos mediadores. Talvez o primeiro deles seja esse contato com o próprio seio materno. A necessidade de compreender o universo de significados que a cerca, leva a criança a sistematizar ações com o intuito de solucionar problemas que encontra. É a partir dessa vivência no meio humano, nessa interação com outras pessoas, que torna-se possível o seu desenvolvimento.

Desde o período que vem ao mundo, o bebê passa a interagir de diferentes maneiras no ambiente físico e social que o cerca. Seu ingresso na condição educativa fará com que ele experimente situações de interações as quais vive com os adultos. Ao separar-se de sua mãe e de seu pai, passa a interagir com outros adultos, usufruindo do mesmo espaço e compartilhando dos mesmos brinquedos com outras crianças. Ele passará a conviver com ritmos, nem sempre conciliáveis aos seus, e passará a partilhar um universo de ações e relações.

Tenho comigo as lembranças do que eu era. Ao ingressar na pré-escola, no jardim, o repertório que percorria sobre o meu vocabulário era: "Quando eu crescer, quero ser profe dos pequenos!". Eis que me pergunto: ser professora, será que é viver/nascer com vocação? Busco neste momento pensar sobre uma fase a qual tanto admiro e respeito: reviver a minha história da Educação Infantil. A partir disso, quero me permitir fazer comparações às etapas que tanto presencio hoje, na formação docente.

Figura 7 - Sustentada por uma formação.



“Como se vê, a criação se faz com o agora e com o tempo que recua.”  
(CAMARGO, 1998, p. 32)



*Confesso que recebi uma educação tradicional.*

*Eu era uma menina que gostava de estudar, mas não gostava de ir à escola.*

*Talvez fosse o medo de ficar longe da família que me impedia de querer ficar lá. Lembro-me de muito choro e da professora que não tinha muita paciência. Eu me retraía e me silenciava nesses momentos. Era a única solução.*

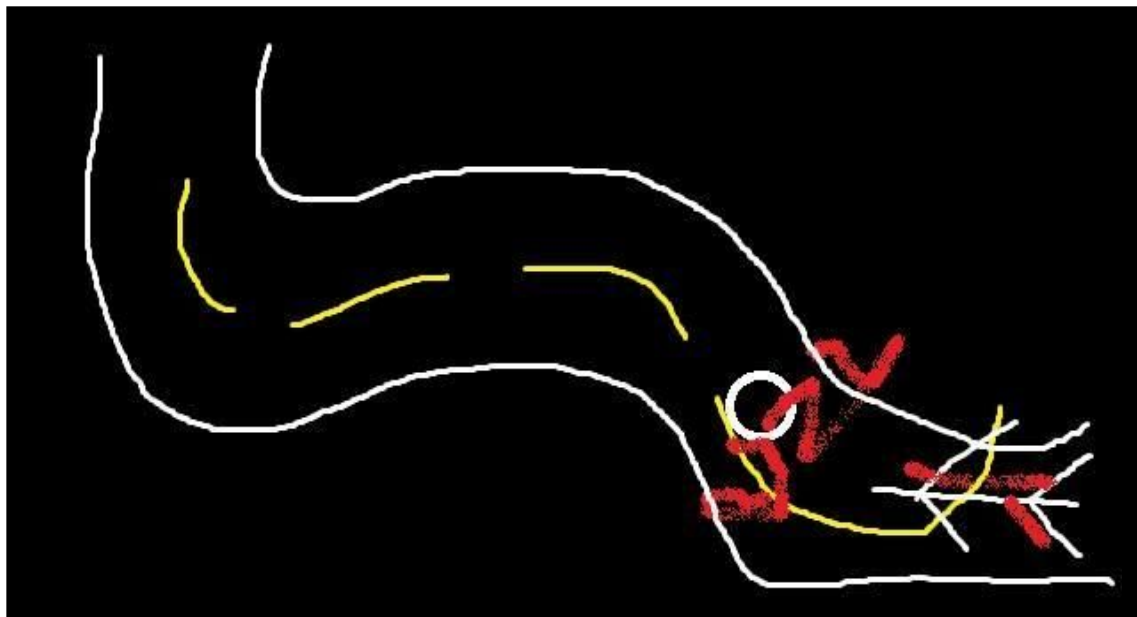
*A professora não me compreendia.*

A minha primeira inserção na escola não foi fácil. Além deste fato que ocorria com frequência, a minha escola se situava na frente de um presídio. Recordo-me que brincar na pracinha da escola era divertido. Tinha um pátio de areia com uma casinha de ferro no meio. Porém, uma tela separava a escola do pátio, do presídio. Em muitos momentos, “perdia-se” tempo de recreio, pelo fato de um detento ter fugido. Todos eram direcionados para a sala de aula, e ali, permanecíamos até que a situação fosse resolvida. Eu não sei do que mais eu tinha medo: dos bandidos ou de precisar sentar novamente de frente ao quadro, virada de costas para a turma, por não conseguir segurar meu choro.

Busco diante do fato comentado na minha lembrança pensar se esta intervenção teria sido necessária pela professora. Me isolar, seria mesmo esta a única alternativa? E eu, enquanto professora, o que faço quando uma criança, aos prantos, não quer ficar no âmbito escolar? Eis que mais tarde, no decorrer deste trabalho, vou abordar comentários que vou me permitir pensar sobre essas atitudes. A imagem que tenho desse momento de minha vida é clara: traz a sensação de desespero e angústia.

Além do medo, eu não me desgrudava do meu irmão, pois eu estando com ele, sentia mais segurança. O trajeto que percorríamos de ônibus na volta da escola para casa era asfaltada e de grande fluxo de carros. Eu havia gravado em minha mente que depois da curva era hora de descer.

Figura 8 - Desacelerou! Qual é a reação?



“Já agora preso de um terror incontrolável, soo a campainha do coletivo e desço precipitado, sem olhar para trás, sem querer localizá-lo: falta-me coragem para ver o outro que vive fora de mim.”  
(CAMARGO, 1998, p. 38)

*A velocidade do ônibus desacelerou... Sentada ao lado do meu irmão, o que se via eram cabeças inclinadas tentando ver o que se passava lá fora. A curva... chegava a hora de descer. Sem entender o que se passava naquele momento, nos dirigimos à porta de saída do ônibus. Lá fora, se via uma imensidão de pessoas e, dentre elas, estava ele, o meu pai. Lembro que desci trêmula. Meu irmão correu ao encontro de meu pai e eu permaneci imóvel. Meus pés não queriam dar passos para frente. Eu queria mesmo era recuar. Correr imediatamente para casa. Naquele instante havia acontecido um acidente grave. Uma cena, mil recordações.*

*O que fiz? Corri para o colo de minha mãe que estava a minha espera em casa.*

Foi a partir dos momentos referidos, que passei a frustrar-me com as lembranças. Me encontro em um momento de inquietações e buscas. Minha caminhada escolar já havia iniciado e diante de tantas perturbações eu sigo: inquieta, curiosa. Sigo em busca das minhas lembranças. Eu tenho medo do que possa vir. Porém, necessito continuar. Preciso que minhas interrogações tenham respostas. Este momento de me autoconhecer é importante para mim. Acredito que todos os momentos que passei me tornaram a pessoa que hoje sou. Busco às vezes entender de onde que sai a minha força. Felizmente, percebo que aprendi a ser forte desde pequena.

Penso como teria sido o meu comportamento na escola durante esses dias. Se nos dias “normais” eu já era uma menina muito sentimental, e ia direto para a famosa cadeira de frente ao quadro, como reagir perante essa situação? Infelizmente, do período de escola, neste momento, não consigo recordar. Mas me ponho a comparar com algumas semelhanças com as crianças que estão diariamente comigo. Elas se apresentam por vezes agitadas, e em outros, falantes e sensíveis. A criança nunca é a mesma no decorrer dos dias e, quem sabe, eu também mudei. Será que me isolei? Ou tentei me aproximar da professora para pedir amparo? Será que ela enxergou a minha dor? E o que ela fez? O que eu faria? Acolheria, transmitiria todo o meu amor, o carinho e aproximaria ela para perto de mim. Para mim, professor é um mediador e não somente quando se refere a conteúdos, mas sim, quando também remete aos valores, aos sentimentos, ao permitir enxergar para além de um corpo, uma pessoa, uma criança que por algum motivo, possa estar precisando de mim.

Um momento tenso para mim, já que eu era apegada à minha família e sofria muito quando algo me afastava deles. Novamente, o choro era constante. Não compreendia aquele momento. Sentia saudades do meu pai. Minha mãe voltava somente quando a noite chegava. Eu me sentia desprotegida. Minha avó materna tentava a todo custo me ver com sorrisos nos lábios, porém, nada fazia com que eu me acalmasse. Confesso que eu era uma menina rebelde. Não compreendia e nem tentava compreendê-las. O meu único desejo era de acordar e ter minha família junto de mim. Minha avó paterna, sem muita paciência, lembro que, em um desses momentos de crise de choro, me trancou no quarto e disse que eu sairia de lá somente quando eu me acalmaria.

Novamente, minha mente embaralhou e o sentimento de "não sei o que fazer" penetrou em mim. O que vem na lembrança é o travesseiro molhado das lágrimas. Como uma luz guiando meus caminhos, escutei da janela do quarto, um "poc". Imediatamente fui ver o que era: uma pedra arremessada em direção à janela e o que eu via na frente era uma escada, já que a janela era alta e a casa onde morávamos era de madeira e de pilar alto. E meu irmão, embaixo, dizendo: "Desce, eu vou te salvar". As lágrimas foram trocadas por um rosto pálido e preocupado, "e agora?", "o que fazer?", "descer como?". "Mano, eu tenho medo de altura..."

Figura 9 - O conflito.

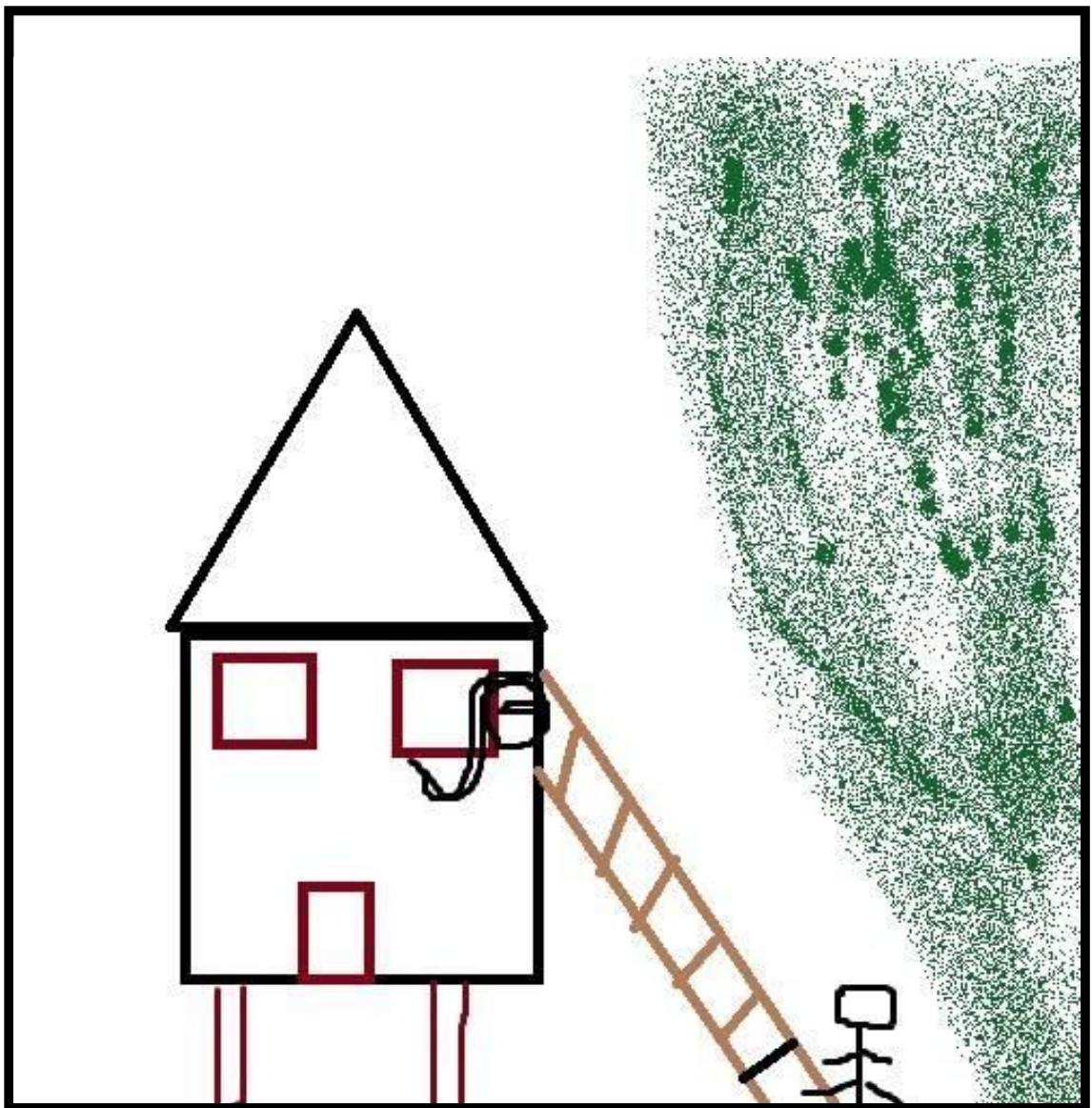


“Mas a imagem continua sendo um enigma outra vez.”  
(CAMARGO, 1998, p.36)

Surpresas estavam reservadas ao revisitar a minha infância. Poucas fotografias me restam sobre essa fase. E dentre as que restam, um ponto de interrogação, imenso, tenho. Sobre minha face, a tristeza presente: rosto "fechado". Estou preocupada. Sim, preocupada comigo. Será choro de dor ou uma "manha"? A imagem me assusta. Não analiso-a como "manha". Esse momento me paralisa. Vejo espanto, vejo dor, angústia. Vejo tristeza. Busco respostas para esses momentos. Confusa, em diálogo com minha mãe, a questionei. Obtive como resposta: "Você não gostava de fotografias". Suspeito, paro e penso. Existe algo nesta foto, e busco respostas...



Figura 10 - Circunstâncias.



“A ideia do indivíduo de ser dois apavora.”  
(CAMARGO, 1998, p. 38)

*Me ponho a falar sobre esse momento...*

*Diante da tristeza que existia em mim, pensar que me arriscava me machucar quando descia aquelas escadas, mostrou minha coragem!*

*Eu era uma menina de quatro anos. Aventureira diria! Não tinha em mente os perigos, nem ao menos, o medo de cair. Com medo de descer sozinha, tive o apoio de meu irmão que subiu a escada. Veio até o topo, ajudou a me deixar na posição correta e descemos. Agora pergunto-me: Quem estava segurando a escada para fixá-la? Será que ela não se movia? Estava fixa ao chão? Brigo com a memória, mas não recordo. Lembro somente que já ao chão, fugimos para o potreiro que tinha ao lado de nossa casa. O potreiro onde permaneciam os animais, inclusive, o touro que arremessou meu pai sobre a cerca. Se tínhamos medo? Tínhamos noção do perigo que corríamos? Ah, garanto que não.*

Está sendo muito difícil para mim recordar esses momentos. Digo, no sentido de rememorar e de pensar sobre o lembrado. Busco respostas para entender a minha infância. Ou será elas estão estampadas e eu não quero enxergar? Me desafiei em escrever a autobiografia, para justamente compreender a minha vida. Tenho certeza que não compreenderei nem metade, tampouco, as respostas serão claras. Mas, como estou em formação, e já trabalho com crianças pequenas, me permitir enxergar outros comportamentos me faz refletir sobre as posições que escolho diariamente.

Da minha infância, pouco me recordo, e perturbada fico, por lembrar de muita tristeza. Fui uma criança infeliz? Justo eu, que sou conhecida pela essência do “sorrisão”. Particularmente, vejo uma criança Jéssica forte, perseverante. E faço muita relação com o eu atualmente.

A partir dessas lembranças quero pensar sobre a educação das crianças para contextualizar a minha infância e o contrário também acontecerá: pensar a minha infância, compreendê-la e daí atuar com as crianças hoje. Ao finalizar esta etapa da minha formação profissional, percebo a necessidade de repensarmos e analisarmos a história da infância para criarmos práticas inovadoras, sabendo da diversidade de pessoas que habitam a sociedade.

Segundo Philippe Ariès (1981), a ideia de infância foi uma transformação social e histórica, que surgiu apenas por volta do século XIII. Durante o período da Idade Média, as idades de vida não se delimitavam a um significado especial. A infância não era uma fase socialmente caracterizada.

Aparentemente, a imagem do corpo da criança era reconhecida como adultos em miniatura. Pensa-se que os homens dos séculos X e XI não se detinham diante da imagem da infância. Imagens estas que não eram de interesse deles, nem faziam parte da sua realidade. Essa fase era vista como um período de transição que logo seria ultrapassado. Conforme Ariès (1981), por volta do século XIII, surgem representações de crianças mais próximas das do mundo moderno. Cria-se a figura do anjo, representado por alguém muito jovem, a figura que hoje chamaríamos de “adolescente”.

Devido às altas taxas de mortalidade infantil, era visível o “desapego” à infância nesse período. Também se via o “bambino” como desprovido de personalidade. A criança era vista como um ser insignificante. E atualmente? Como a criança passa a ser

vista na sociedade? Não como um ser insignificante, mas me ponho a pensar a criança como um ser que incomoda. Nas relações do cotidiano, ouço muitos discursos que, “ah, deixei de fazer por ele”, ou, “eu já não sei mais o que fazer”. Vejo, infelizmente, pais despreocupados com a educação dos filhos, trocando o convívio familiar, o diálogo, por telas eletrônicas. Mas ainda será despreocupados ou desorientados?

A minha infância foi vivida de uma maneira muito diferente da infância das crianças que acompanho hoje. Existia no meu tempo, a preocupação em se sujar e de deixar correr, no gramado, na terra. As bonecas eram as de pano, remendos que minha mãe fazia, e aquilo bastava para mim nos momentos de brincadeiras. Celular, tablet? Que era isso eu não sei. Nem meu pai e minha mãe tinham um telefone direito, imagina eu?

As pessoas não podiam se apegar muito a algo que era considerado uma perda eventual, por exemplo, a morte delas, como o que diz Montaigne: “Perdi dois ou três filhos pequenos, não sem tristeza, mas sem desespero” (ARIÈS, 1981, p. 22). Acreditava-se que o ser ainda não possuía alma. Não raro eram os sepultamentos em qualquer lugar, como hoje se enterra um animal doméstico. Até hoje falamos em começar a vida depois da infância.

No século XV surgiram dois novos tipos de representação: o retrato e o putto (se refere ao menino nu, representado frequentemente com asas). A criança não estava totalmente ausente na Idade Média, no entanto, nunca era modelo de retrato. O gosto pelo retrato e principalmente pela representação do indivíduo morto é um marco na história dos sentimentos. Nesse período, cada família queria possuir o retrato de seus filhos, mesmo na idade em que eles ainda eram bebês. A fotografia substituiu a pintura no século XIX, mas o sentimento não mudou.

Na representação do putto, aparece uma criancinha nua, desconhecida no mundo medieval. É uma retomada do estilo grego (Eros-helenístico). O putto nunca foi uma criança real, esteve sempre ligado ao sagrado, às alegorias da alma ou ser angelical.

Muito antes da modernidade existiam crenças, ideias sobre a infância, práticas e saberes pedagógicos em torno dela. Mas o que não existia era a pedagogia como ciência, como moral e política do conhecimento, como uma série de discursos interessados em estudar e conhecer as crianças, seu corpo, seus desejos, seus brinquedos, seu

pensamento e suas capacidades intelectuais, os dispositivos de poder e de comunicação sobre a educação que exerce.

O século XVII foi muito importante para a evolução dos temas ligados à primeira infância, uma vez que os retratos com os “bambinos” sozinhos se tornaram comuns, passando a ser o centro da composição. Ariès (1981) afirma que a descoberta da infância começou no século XIII e sua evolução pode ser acompanhada na história da arte e da iconografia através dos séculos XV e XVI.

No entanto, o crescimento mais significativo de representações sobre a infância datam do final do século XVI e durante o século XVII. É a partir da Idade Moderna que expressões de sentimentos, de afeto e de carinho, começam a aparecer. As mães e as avós passam a emocionar-se com a descoberta das crianças, em relação ao seu corpo, sua fala e os hábitos das crianças pequenas.

Em primeiro lugar, o vestuário infantil se diferenciou dos adultos. No final do século dezesseis o costume exigia que a infância tivesse roupas especiais. A diferença no traje das crianças, bem como a diferença na percepção adulta das características físicas das crianças, está bem documentada nas pinturas do século dezesseis em diante, isto é, as crianças não são mais representadas como adultos em miniatura. A linguagem das crianças começou a se diferenciar da fala dos adultos. Como foi observado antes, o jargão ou a gíria infantil era desconhecida antes do século dezessete. Depois teve rápido e rico desenvolvimento. (POSTMAN, 1999, p. 57)

Diante desta citação, penso sobre o vestuário infantil. Estudos de Postman (1999) revelam que o vestuário se diferenciou dos adultos, mas pensando no contexto atual, o que percebo é a mídia influenciando cada dia mais o consumismo para crianças que passam a frequentar a escola com roupas iguais as de suas mães, a deixar de usar o tênis que vem sendo substituído por botas de salto. Até que ponto podemos considerar de fato, que as crianças não são mais vistas como miniaturas de adultos? Concordo que, quando criança, às vezes brincávamos de pegar as roupas da mamãe e o desfile de moda era realizado. Uma brincadeira saudável, porém preocupante quando isso começa a permanecer na rotina diária da criança .

Em meu ponto de vista, acredito que a escola é um local onde podemos observar muitos aspectos, tanto comportamentais quanto cognitivos. Ela, em seu contexto, possibilita uma rotina estudada e pensada nas necessidades da criança para o seu

desenvolvimento na sociedade. Porém, cabe aos professores enxergar esta possibilidade e a formação é muito importante para que isto aconteça.

Ariès (1981) descreve o colégio como uma instituição essencial da sociedade que visa controlar a realidade dos alunos, promovendo leis específicas e diferentes dos adultos. Em contraposição, penso nas crianças. As crianças demonstram desejos, vontades, necessidades que precisam ser vistas pelos profissionais através de um olhar atento e construtivo. Mas será que os professores realizam seu planejamento de acordo com as necessidades apresentadas pelas crianças, para auxiliar na aprendizagem das crianças ou os adultos estão limitando a realidade das crianças de acordo com as suas vontades?

O sentimento da infância se tornou um dispositivo de poder na escola e assim ela se desenvolve na modernidade. Conhecer e reconhecer o jeito particular das crianças serem e estarem no mundo é um grande desafio da Educação Infantil e de seus profissionais.

### 3.2 O corpo, suas marcas, suas mensagens

Figura 11 - O novo. Assusta?



“Não imaginava que, ao mudar o rumo dos meus passos, mudaria também o de minha vida.”  
(CAMARGO, 1998, p. 39)

... e se de repente, tudo mudasse? A minha caminhada mudasse, os amigos passassem a ser outros, as metas se tornassem outras, qual seria a Jéssica que ficaria? O que ficaria para a vida? Eis que me permito desabafar. Falar. Pensar. Com o coração, com gratidão, eis que ficam as aprendizagens!

Carrego um ser que chora, que ri, que festeja, que planeja, que sofre, que sonha, que vive. Uma Jéssica, multiplicada por muitas: filha, irmã, amiga, prima, sobrinha, neta, bisneta e professora.

Estou a concretizar um sonho de, aproximadamente, 21 anos.

Comecei o discurso em querer ser professora aos dois anos de idade. O sonho de  
**SER PROFESSORA.**

Da criança frágil, delicada, à jovem aventureira, para a Jéssica em constante formação. Desde o ano de 2012 passei a concretizar passo a passo uma jornada tanto almejada. Uma continuidade da viagem chamada vida. Desde lá, lições, aprendizagens seguidas de amadurecimento. A menina cresceu. O que aprendeu?

O que a fez acreditar que poderia auxiliar no desenvolvimento de seres humanos?

Uma pausa. Muitas vírgulas, alguns pontos...

Um corpo. Muitas marcas. Infinitas mensagens.



Ao me deter a lembranças, posso considerar que muitas são as imagens que tenho sobre os professores que já passaram pela caminhada escolar durante a minha vida. A partir dessas vivências e experiências e a busca de continuidade de formação no ensino superior, esta investigação faz pensar sobre o professor na contemporaneidade.

Ao resgatar essas lembranças, senti-me estimulada com as imagens de profissionais que carrego na memória. Encontrei ao decorrer da escrita desta investigação, questões que me instigaram e se puseram em discussão. Desta forma, busco construir o conhecimento, agregando-o a um conjunto de reflexões que vão me possibilitar argumentações a partir das indagações presentes.

Acredito que, dentre as discussões pautadas no texto, é relevante pensar o que eu, enquanto acadêmica, agreguei no decorrer destes anos, em relação à educação. Passei a enxergar que, ao se trabalhar em sala de aula, a docência exige muito. O que ajudará a manter contato com a realidade em que me incluo, é re-pensar questões já apresentadas por outros professores, em minha caminhada escolar.

Minhas experiências estão compostas naquilo que dialogo. É desta forma que busco me aprimorar a partir de lembranças e falas de outros profissionais, para ver se há possibilidade de captar os desafios presentes dentro e fora da sala de aula. Me preocupo muito quando vejo professores caindo no comodismo, não se inteirando dos conteúdos específicos a uma determinada faixa etária e a não buscar por atualizações em sua profissão.

O ser humano necessitou criar meios para a sobrevivência no mundo. Eu precisei criar um meio na qual, me amparasse. Talvez recuar, silenciar foi um destes meios. As maneiras de agir são compartilhadas de geração a geração através da educação. Ao me deter em pensar a educação, preciso lembrar que o professor precisa ter o preparo necessário em sua formação para proporcionar aos alunos a reflexão sobre o mundo e a vida social.

Acredito que minha formação me permite que eu seja um educador que leve o aluno a ser questionador, levando-o a novas descobertas e ser capaz de criar soluções para diferentes situações, priorizando o diálogo. Busco compreender o instante abrangendo uma possível solução do problema. Confesso que estes momentos são sempre desafiadores.

A minha postura é importante no conjunto de minhas práticas na atuação docente, uma vez que esta é uma experiência humana, cheia de momentos imprevisíveis. E a maneira que busco para conduzir determinada situação pode vir a interferir na vida da criança, me fazendo pensar se as minhas palavras têm algum sentido nas suas vidas. Cabe uma grande interrogação: que ser humano busco formar?

A partir das lembranças, me coloco a pensar novamente: a Jéssica enquanto professora. O brincar tem suas importantes significações no desenvolvimento da criança, porém, restrinjo algumas brincadeiras por segurança e outras, pelo pedido dos pais. Tal recordação me instigou a rever esses momentos e ver que, em alguns deles coloco as crianças “presas dentro de um vidro”. Em que contexto fica o explorar, o descobrir, o se permitir? Será que eu, não permitindo que ela explore o espaço, saberá conviver com a dor quando esta se fizer presente em sua vida? Saberá lidar com frustrações, com conflitos? Creio que eu esteja deixando uma valiosa aprendizagem para a vida passar despercebida pelas crianças.

Segundo Horn, Silva & Abreu (2009), durante o desenvolvimento da aprendizagem de uma criança é necessário que ela esteja motivada, a fim de que ela crie interesse por aquilo que lhe é proposto. Esta motivação, segundo as autoras, influencia no processo de aprendizagem e construção de ideias próprias do indivíduo, fazendo parte de sua personalidade. Dessa forma, o brincar surge como um elemento de aprendizagem e desenvolvimento da adaptação social, de libertação pessoal e conservação da própria cultura, através de uma pedagogia diferenciada.

Busco ainda pensar o quanto eu, acadêmica em formação, preciso mediar essas propostas e motivar as crianças, me inteirar de novas possibilidades de ensinar e inovar, buscar por planejamentos potentes, com propostas diferenciadas, para que assim como me remeto ao exercício desta autobiografia, possa refletir sobre a minha prática, alterando quando necessário e possível, alguns detalhes do planejamento diário.

Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática. (FREIRE, 2006)

No estudo da autobiografia é possível considerar que uma das principais características é a busca da identidade profissional em que a abordagem centraliza-se em minha história de vida. No processo formativo há possibilidade de construirmos hábitos e saberes. A vida torna-se um espaço de momentos formadores. Eu carrego comigo experiências que são significativas ao longo da minha formação docente, que levam a pensar sobre a reprodução dos valores sociais.

É a partir da construção da autobiografia que penso e reflito acerca do processo de formação e construção da identidade docente, partindo do reconhecimento das vivências, a fim de caracterizá-las, como experiências formadoras. O ser e fazer docente é também possível diante da reflexão de sua atuação sobre as próprias ações, como consta na citação a seguir:

Com relação à formação do professor, a investigação de práticas pedagógicas e o ser docente só é possível devido à reflexão de sua atuação sobre suas próprias ações. A reflexividade possibilita a modificação não somente da realidade atual, como também das intervenções no processo ensino-aprendizagem. O ser professor é uma construção que ocorre no decorrer do percurso profissional, por isso não se devem estabelecer formas de análises isoladas da construção identitária, mas, sobretudo, o olhar crítico acerca de todo o processo. Vale ressaltar que a formação e a identidade são termos que se encontram imbricados no contexto pessoal e profissional. (RODRIGUES, 2014, p.6)

O processo reflexivo envolve uma representação ativa da realidade, em consideração a ações, ao reconhecimento dos conceitos, ao confronto com os outros. Tais fatores produzem possíveis alternativas, que possibilitam o professor estar disposto a retomar a sua prática, analisá-la para que ocorra uma maior compreensão.

Desta forma, a postura reflexiva não requer apenas do professor o saber fazer, mais que ele possa saber explicar de forma consciente a sua prática e as decisões tomadas sobre ele e perceber se essas decisões são as melhores para favorecer a aprendizagem do seu aluno. (SILVA; ARAÚJO. 2018. p.03)

A construção da formação docente se caracteriza como uma ferramenta social, pois parte de um ato reflexivo individual que fará com que seja compartilhado, pensado e desenvolvido para o coletivo. Busco assim, refletir sobre a importância de se pensar sobre a história de vida e sistematizar os tempos por meio de uma narrativa autobiográfica como um meio articulador de interpretar e construir os saberes.

A construção de conhecimento provoca uma mudança pelo exemplo pedagógico: em vez do indivíduo produzir o raciocínio de um determinado problema, possibilitar que ele construa sua própria reflexão sobre como resolvê-lo. Diante desta organização, permitir que o aluno interaja e problematize os conceitos que são construídos gradativamente, torna possível um caminhar para uma autoria, uma autonomia, para a pesquisa.

Acredito que ao realizar a escrita sobre a minha vida, vou me preparando para ser uma professora com autonomia (FREIRE, 1986), para que eu possa modificar a minha prática pedagógica em sala de aula. A escolha em seguir na educação não aconteceu de repente. Desde pequena, meus discursos já eram voltados ao “quando eu crescer, quero ser professora”. Um sonho que foi almejado e gradativamente vem sendo realizado. Foram as práticas com as crianças, os intensos estudos realizados, que formam hoje a professora que sou. Assim como me remeto à autoria nesta investigação, gostaria que os alunos passassem a ser autores em sala de aula também: criassem, se motivassem, se posicionassem, para tornarem-se cidadãos críticos e participativos.

Figura 12 - O motivo.



“A sua força expressiva está em permanecer autêntico, fiel a si mesmo, indiferente à crítica que  
largo tempo o relegou.”  
(CAMARGO, 1998, p. 127)

No Brasil, a Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica, assim sendo também a primeira etapa da vida escolar de muitas crianças.

Do ponto de vista legal, a Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de zero a cinco anos de idade em seus aspectos físico, afetivo, intelectual, linguístico e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 2013, p. 83)

O que se pode, por intermédio das minhas experiências, é perceber que os adultos precisam deixar as crianças na escola, elas querendo ou não. Neste sentido, trouxe as lembranças da minha primeira etapa da vida escolar em que, a minha adaptação não foi nada fácil, uma vez que o choro era constante. Passei a permanecer com a minha mãe em casa, já que meu pai e minha mãe passaram a ser caseiros em uma chácara em Linha Mangueirão - Venâncio Aires - RS.

Busco a pensar sobre o que se passava em meu ser naquela época, sabendo hoje, da necessidade do professor intervir e planejar situações que favoreçam esse permanecer e acolher a criança na escola. Torna-se necessário investigar que a cultura e os conhecimentos básicos precisam ser proporcionados no contexto educacional na Educação Infantil. Neste sentido, “Essa dimensão de instituição voltada à introdução das crianças na cultura e à apropriação por elas de conhecimentos básicos requer tanto seu acolhimento quanto sua adequada interpretação em relação às crianças pequenas” (BRASIL, 2013, p. 84). É necessário buscar meios que priorizem a necessidade de um planejamento de situações de aprendizagens para as crianças.

Ainda, “O currículo da Educação Infantil é concebido como um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, científico e tecnológico” (BRASIL, 2013, p. 86). Entretanto, o currículo da Educação Infantil pode ser parte essencial para subsídios em prol do desenvolvimento integral das crianças, assim auxiliando no planejamento das ações dos professores e buscando acolher as crianças para que possam se desenvolver integralmente com o meio e o mundo em que vivem.

A criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que se desenvolve nas interações, relações e práticas cotidianas a ela disponibilizadas e por ela estabelecidas com adultos e crianças de diferentes idades nos grupos e contextos culturais nos quais se insere. Nessas condições ela

faz amizades, brinca com água ou terra, faz-de-conta, deseja, aprende, observa, conversa, experimenta, questiona, constrói sentidos sobre o mundo e suas identidades pessoal e coletiva, produzindo cultura. (BRASIL, 2013, p. 86)

A prática pedagógica necessita possibilitar a reflexão e o exercício de repensar sobre a vida, os conceitos, as ideias, fazendo com que existam interrogações e questionamentos sobre si mesmo e, principalmente, em relação à postura ética que levamos às práticas em sala de aula e à educação.

Neste sentido, pensar em conduzir da melhor forma possível o desejo das crianças, suas escolhas e inquietações, constitui-se um espaço de socialização de novos saberes. O professor desempenha um importante papel ao mediar novas reflexões sobre o que as crianças sentem ou o que elas desejam, para o qual procuram desenvolver na criança, a sensibilidade e a formação integral do ser humano. É de fundamental necessidade, na Educação Infantil, oferecer condições que assegurem as interações lúdicas.

A produção dos saberes da infância estava ligada à regulação das condutas dos sujeitos infantis e à instituição das práticas educacionais voltadas para a criança (ARIÈS, 1981). Continua o autor dizendo que o corpo da criança passa a constituir-se a partir do século XVIII, como um foco de poder-saber que só passa a ser útil quando ele se torna produtiva e submissa.

Compreender e reconhecer o jeito das crianças é um grande desafio da Educação Infantil e dos profissionais que são capacitados para esta função. Cabe a cada professor, realizar o seu papel.

*Já escutei por aí que ser professora é ser uma fada milagrosa que veio ao mundo para proteger e iluminar os caminhos da infância de muitas crianças. Diria que sim, sou fada, porém, sou muito mais! Interfiro na forma da criança olhar para o mundo que o cerca, auxilio em suas aprendizagens, compartilho ensinamentos. Sou professora, sou um pouco mãe, um pouco amiga. Sou uma super heroína querendo curar as dores das crianças com um beijo mágico. Sou construção de saberes, sou incentivadora de conhecimento.*

*Sou receptora de conhecimento! Quão gratificante é ver cada ensinamento se multiplicando no aluno, de cada criança que passa por nossas experiências.*



Esta pesquisa possui como alicerce a indagação reconstrutiva, permitindo que se conceda o desenvolvimento e a formação plena do sujeito, em prol de conscientizar-se, deter-se a uma organização e um comprometimento com a história de seu tempo. Diante da pesquisa, o professor tem condições de incentivar o estudante, buscando despertar o interesse através da construção de conhecimento, inteirando-se da investigação.

Uma coisa é manejar textos, copiá-los, decorá-los, reproduzi-los. Outra é interpretá-los com alguma autonomia, para saber fazê-los e refazê-los. Na primeira condição, o aluno ainda é objeto de ensino. Na segunda, começa a despontar o sujeito com proposta própria. (DEMO, 2003, p.23)

Na sociedade contemporânea é notório verificar transformações que influenciam as áreas do conhecimento, principalmente quando nos referimos à educação. Necessita-se, portanto, de profissionais qualificados que deverão ser capazes de observar as relações entre as atividades educacionais, possibilitando que o mesmo tenha condições de atuar como mediador da realidade que está inserido, ou seja, passível de transformar a prática pedagógica.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9.394/1996 (BRASIL, 1996), caracteriza o professor como sustentação principal da qualidade no âmbito educacional, possibilitando-o pensar sobre os avanços que referem a formação docente e questionamentos necessários, remetendo-o à associação entre teoria e prática, exigência do curso superior para os professores da educação básica e ensino fundamental, e formação continuada para os profissionais de diferentes níveis.

Volto-me sobre a investigação e o quanto esta se torna um subsídio importante para dar sequência ao meu processo de formação docente. Ao aprender a elaborar, escrever uma pesquisa, o profissional passa a desenvolver habilidades que contribuirão para solucionar problemas em sala de aula e na escola.

A questão a qual me remeto neste contexto é que as situações devem ser investigadas e fundamentadas, buscando, enquanto professor, por novos caminhos para o exercício da sua formação, em prol de aprender a produzir cada dia mais conhecimento, atendendo ao rigor que a atividade educacional exige.

#### **4 FORMAÇÃO DOCENTE: DESAFIOS PRESENTES**

Existem pessoas e personalidades neste mundo. A pessoa aqui caracterizo como o ser em seu concreto, com sua impressão digital, única. As personalidades se remetem a sua base externa, uma imagem. Realizei um exercício árduo de conhecer a pessoa Jéssica e a personalidade Jéssica. Ao passar por este exercício de escrita de minha autobiografia, percebi que não tinha noção do que me aguardava no decorrer da mesma.

Em um primeiro momento, me ponho a falar sobre os sentimentos que tive presentes dentro de mim: medo, aflição, angústia, dúvidas, mas acima de tudo, fui forte. Hoje percebo que a bagagem que carrego era desconhecida. Aos poucos, fui me permitindo, estabelecendo relações.

A menina que não vivia sem a presença constante dos seus pais, cresceu. Cresceu aprendendo com cada lágrima, cada sorriso, cada história. Nada foi em vão. Hoje percebo que tudo veio para agregar à pessoa que estou me formando. A separação do convívio familiar aconteceu de uma forma inesperada. E que resultou em muitas mudanças em minha vida. Aos quinze anos de idade, meus pais, se separaram. O momento foi difícil, tive que me habituar com a falta da figura do pai, todos os dias, em minha casa.

Os dias passavam e a angústia se fazia presente dentro de mim. Uma dor forte eu carregava dentro do meu peito. No mesmo ano, comecei a namorar, um pouco antes, de tudo acontecer. E esta relação foi a minha fuga. Uma reviravolta de planos, um crescimento inesperado. Comprei um terreno, construí uma pequena casa de madeira e saí da casa que era dos meus pais.

O novo assustou, mas não desisti. Na época, cursava o último ano do Ensino Médio e trabalhava como menor aprendiz. Meu salário não era nem trezentos reais e eu me virava. Eu e meu companheiro. O mais importante tínhamos: estávamos felizes.

O final do ano se aproximava, fiz o vestibular e uma esperança se abria na realização de meu grande sonho: me tornar professora. Passei, estava muito feliz, mas algo me afligia: como pagar? Em tempo em que o financiamento em apoio aos estudantes de licenciatura (FIES) era possível, fui atrás, e na alegria, consegui. No ano de dois mil e doze era o início de uma carreira a qual tanto almejava. Com dezesseis anos de idade consegui, junto com o início da graduação, o meu primeiro trabalho como estagiária. Confesso que nessa etapa de vida, o meu maior desafio era acreditar.

Desde lá, fui aprendendo e valorizando a cada dia a função do professor. Fui amadurecendo, fui construindo meu espaço na educação. Passei a me posicionar com argumentos e maior clareza diante dos estudos que o curso de Pedagogia me oportunizou. Não amadureci somente como professora, mas sim, como pessoa num todo, principalmente como estudante. Hoje, percebo o quanto foi válido cada lida e relida dos textos, o quanto participar de discussões no coletivo me aprimoraram e me tornaram mais forte.

É diante da minha escolha em ser professora, neste momento em formação inicial, que me ponho a pensar sobre os desafios do professor na contemporaneidade. Acredito que esta investigação foi fundamental para a escolha da minha formação docente uma vez que, muito me encontro a pensar, sobre a importância do professor. Eu me deparo com imagens de professores que produzem muitos questionamentos a serem compartilhados: são imagens que ficam na memória, memórias trazidas por fotografias, imagens de mestres, que permearam a minha infância.

Optei neste exercício por uma escrita autobiográfica. Qual o meu papel de pedagoga, visto que toda relação educativa é uma relação de pessoas, de gerações? Iniciei a minha graduação no ano de dois mil e doze. Iniciava-se nesse ano a concretização de um sonho. Com dezesseis anos de idade, iniciei a minha carreira como estagiária em uma escola pelo convênio de estágio não-obrigatório, no município no qual resido. O primeiro contato com as crianças, o primeiro encontro com textos delimitados ao tema da infância, a pensar a educação. Tudo naquele momento era novo. Se fazia necessário um crescimento, tanto pessoal quanto profissional. Passava a ter, a partir daquele momento, uma responsabilidade enorme e tinha a certeza que esse meu comprometimento frente à educação a partir daí, iria aumentar.

Ao passar dos dias, fui descobrindo a enorme dificuldade em identificar o nosso ofício enquanto educadoras, pois somos múltiplos: carregamos histórias, somos um conjunto.

Problematizarmos a nós mesmos pode ser um bom começo, sobretudo se nos leva a desertar das imagens de professor que tanto amamos e odiamos. Que nos enclausuram, mais do que nos libertam. Porque somos professores. Somos professoras. Somos, não apenas exercemos a função docente. (ARROYO, 2000, p.27)

O professor precisa se encontrar em um processo de ação-reflexão. Ele necessita repensar suas práticas dia após dia, pois os contextos presentes na educação variam muito. Educar, no meu ponto de vista, exige que consigamos cuidar das pessoas, entender o significado de amar, ter uma postura ética em relação aos valores que a escola carrega e acredita. Antes de tudo, se faz relevante que o professor saiba realizar uma leitura do contexto das crianças e a leitura dos tempos presentes. A escola passa a ser vista como um lugar de encontro, que contribuirá na produção de ideias e lugar de muito conhecimento.

Torna-se importante repensar um novo olhar para os professores, para com os alunos, uma vez que se torna necessário que se construam novas metodologias para educar uma geração digital e globalizada. Não se pode pensar a educação sem competência, profissionalismo, mas principalmente não será possível educar sem amar, sem o professor gostar do que faz, sem gostar de gente, enquanto indivíduo em pleno desenvolvimento.

O conhecimento torna-se uma construção coletiva e a aprendizagem transfigura-se em afetos, emoções e a possível relação entre as pessoas. Quero me permitir um olhar mais criterioso frente à educação, no desafio de construir competências e habilidades. A partir daí, quero continuar dando significado e importância ao pensar, ao relacionar, às experiências, ao conhecimento do cotidiano, a dar significado ao mundo que nos permeia, a realizar grandes relações entre teoria e prática, a fundamentar a criticidade, a argumentar com fundamentação e pesquisa, a saber lidar com os inúmeros sentimentos que a aprendizagem possibilita.

Ao realizar meu trabalho como monitora de uma turma de crianças de três anos e partindo das práticas vivenciadas no decorrer do processo de formação da docência,

percebo o quão amplo é o trabalho com a educação. Preciso me inteirar e passar a conhecer as crianças, seus desejos e, principalmente, as suas necessidades. Preciso ter ciência do trabalho a ser apresentado a elas, observando a sua faixa etária. Quero ter clareza em buscar por alternativas que possibilitam a criança pensar, problematizar, argumentar.

Acredito que a Educação Infantil é a base fundamental do desenvolvimento da criança. É nesta fase que os pequenos passam a desenvolver competências e habilidades em prol de tornar-se cidadãos ativos, críticos e argumentativos. O grande desafio passa a ser do professor: possibilitar que esta aprendizagem aconteça de forma muito significativa. Quero me mobilizar enquanto acadêmica em formação, dada a importância que a ação do professor tem para o mundo. Reconhecer-me como instrumento fundamental pelo desenvolvimento de seres humanos, em especial, das crianças e adolescentes.

Os desafios enquanto acadêmica em formação foram muitos. A inserção na graduação foi um caminho construído aos poucos. A minha caminhada no Ensino Médio não foi o suficiente para entrar na graduação e dominar as leituras. Eu sei que este não é o propósito, mas me sentia fraca de argumentações, de posicionamento crítico. E queria mais. Muito mais!

Este é o caminho que escolhi trilhar e diante de todas as interrogações sobre a minha vida, não quero ficar parada no tempo. Por mais que eu não serei a salvadora do mundo, e nem quero ser, trabalho muito priorizando a deixar aspectos positivos para as crianças que por mim passarem. Valores importantes para o desenvolvimento deles.

Outro desafio constante em minha jornada foi descobrir que o pensar dói e no primeiro momento, me frustrei com isso. Em muito tempo de minha graduação, o pensar era algo que não me incomodava, tão pouco, repercutia sobre o meu eu. Porém, pensar hoje é uma constante dor “boa”, que vem agregando considerações, posições, argumentações que me orgulham em pensar sobre o profissional que venho me formando.

Este desafio teve sua participação quando delimitei o problema desta investigação. Longe dos temas já tanto apresentados em Trabalhos de Conclusão de Curso, o “qualquer tema” não estava bom para mim. Eu queria era brigar comigo mesma

e redescobrir aspectos que me fizessem pensar sobre a minha vida e as escolhas que tenho feito na minha formação.

Fiz além disso. Tive que parar inúmeras vezes no meio da caminhada, respirar e voltar. Descobri que falar de mim não é uma tarefa fácil. O choro tão presente em minha infância, voltou a ser constante, agora, já na fase adulta. Eu não conseguia controlar e na verdade, eu não queria! O chorar me aliviava. Se tinha os meus pais em alguns momentos distantes de mim na infância, hoje pouco os vejo.

Assim como a professora não me compreendia em meu primeiro momento da etapa escolar, hoje atuo com profissionais que eu não compreendo, e que não compreendem as crianças. A vontade de correr para aquele gramado na infância é tão presente, porém, sei da minha necessidade em continuar firme, pois se estou ali, em sala de aula, é porque eu, Jéssica, quero e estou fazendo diferente.

Em meu corpo carrego marcas e mensagens. Não quero que as crianças ao crescerem lembrem de uma infância escura. Que o pensar não ocorra somente nos finalmentes da conclusão de curso, mas que esteja presente sempre, desde que a criança começa dar seus primeiros passos. Que a frustração e a imposição do “não” façam parte desses momentos. E que a criança se coloque no papel de criança, e que os pais proporcionem isto a elas.

Os acasos que apareceram em minha vida se tornaram mais um subsídio para provar o quanto guerreira eu sou. Prestes a concretizar o sonho da formatura, eis que a mente e o psicológico abalam-se.

Figura 13 - Reerguer-se e seguir.



“Este mistério que veste as coisas está presente também na arte.”  
(CAMARGO, 1998, p.150)

Quinze de setembro de dois mil e dezoito. O que era para ser um dia feliz, foi marcado lágrimas percorrendo a minha face, desespero. Às 5 horas e 45 minutos, nascia novamente a menina que tanto luta para alcançar seus sonhos. Esse foi o dia da minha prova de togas, a tão sonhada prova de togas. Presa dentro do carro, ainda escuro, me bateu o desespero por não conseguir sair, minha vida não poderia terminar ali. O que fazer? Como prosseguir?

As palavras me faltam e a tristeza invade o meu peito. O cinto de segurança me machucando e um único desejo: o de sair dali o quanto antes. Respirei fundo, voltei à calma.

Que tarefa difícil! E agora? O que fazer? Tirar forças de onde? Se um fio de aço nos tirou do chão, que fazer para pousar novamente em pé sobre esses paralelepípedos? Não se tinha proteção, nem tão pouco lucidez dos perigos que ali se encontravam.

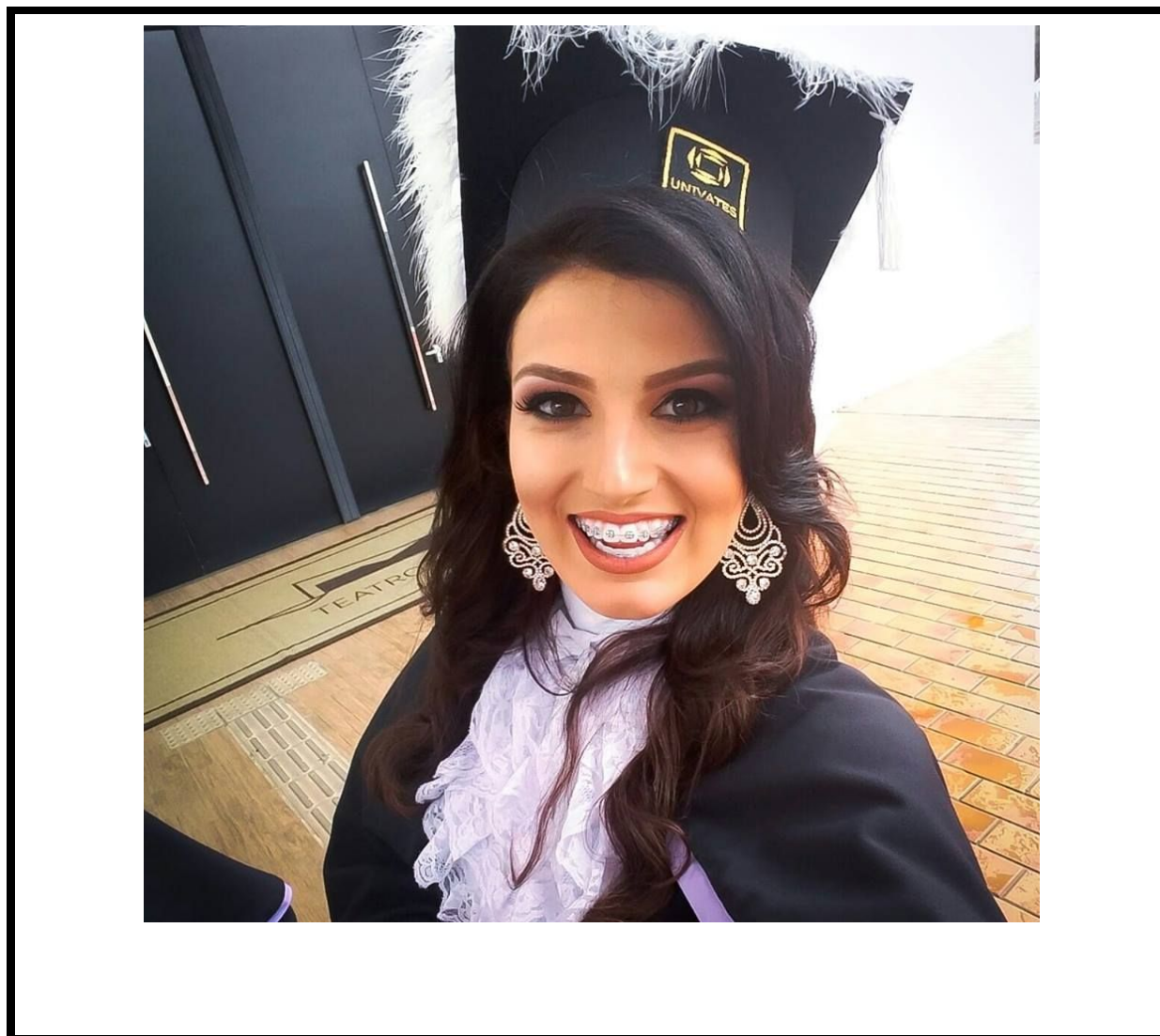
O cinto de segurança soltei com minhas mãos que, a todo momento, pediam socorro. A janela não abria e o engate que abria a porta, despreendeu. Era como se da barriga de minha mãe eu saísse outra vez. Indefesos, pedi que meu namorado se retirasse do carro e o que se via eram churiscos e o fio enrolado no carro. Que fio era esse? Se havia carga elétrica, não se sabia. Agarrei meu guarda-chuva preto e peguei o telefone. De imediato e aos prantos, liguei para a Brigada Militar do município para que viesse nos amparar e ajudar.

Nisso, meu namorado já havia ligado para a minha mãe e sobre os faróis iluminando os caminhos, lá se via eles. Os refletores do carro da brigada de um lado e os faróis do carro de minha mãe do outro. Ainda tinha a preocupação de ter outro fio e prender o carro de minha mãe. Gritos de desespero seguido de alívio: não estávamos mais sozinhos. Com rolos nos meus cabelos, a indecisão do que fazer. Seguir, ficar, chorar, se desesperar... A voz do guarda dizendo: "Vá menina, não perca esse momento! Depois, o Boletim de Ocorrência, resolvemos." Com a sacolinha na mão, que levava meus sapatos, lá eu ia com a minha mãe, em direção ao salão. Quarenta e cinco minutos de atraso, a cara inchada, o coração apertado, seguido de palavras de consolo. Acredite, foi tão difícil! O medo de não conseguir seguir e a força, que não sei de onde veio...

Sem condições para continuar falando desse ocorrido, deixo forças para apresentar o resultado do dia...



Figura 14 - A vida: um privilégio.



“Talvez o auto-retrato seja uma interrogação.”

(CAMARGO, 1998, p.186)

*Cicatrizes são marcas de superação que só uma verdadeira guerreira possui.*

*Ah, que tão linda! Ali tive mais uma vez a certeza que eu sou uma mulher forte, batalhadora. A chance de estar ali, era única. E o mais emocionante, estava ali, viva, com apenas um roxo no braço esquerdo. Cicatrizes que ficam para demonstrar superação.*

*E assim se fez nestes sete anos de estudo e dedicação na Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES. O enredo passou por altos e baixos, noites em claro, sentimento de não vencer ou de não conseguir finalizar. Discussões, problematizações, muito estudo fizeram com que eu me tornasse a pessoa que sou hoje. Sou essa pessoa forte, guerreira.*

*Sou aquela que tanto já pediu a Deus que abençoasse os caminhos, aquela que semeou lindas sementes para chegar um dia a colher bons frutos. Este dia já chegou.*

*Desde que me tornei professora semeio diariamente amor, afeto, compreensão. Semeio lições, saberes. Minha vida está em constante aprendizagem, seguida de um item muito importante para mim: amadurecimento.*

*Meu coração se encontra acolhido por pequenas crianças que me ensinam a viver uma vida na esperança que o amanhã poderá ser melhor, mas lembrando que é do momento presente que precisamos mais nos preocupar. Foi assim que se fez.*

*O dia quinze de setembro ficou marcado, um embaralhado de sentimentos se fizeram presentes nesse dia, mas levo comigo o essencial: a felicidade regada com muito amor no coração. Com força, determinação e muita fé, se consegue, vai trilhando os caminhos desta vida, vai se formando o ser humano que tanto se sonhou.*

*Uma lição que me permite reforçar: a vida é um privilégio.*

Eu teria mais fotos para me representar, aliás, este Trabalho de Conclusão terá continuidade. A minha vida continua. E com ela, seguem mais momentos que formam a Jéssica a qual tanto me orgulho. Me sinto desafiada, para, depois de um período, continuar a problematizar novamente.

## REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Pesquisa (auto)biográfica - tempo, memórias e narrativas.** In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. A aventura (auto)biográfica: teoria & empiria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

ARIES, Philippe. **História social da criança e da família.** 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre: imagem e auto-imagens.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. 2000.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Disponível em: <  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm)>. Acesso em: 16 jun. 2018.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais.** Disponível em: <  
[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=15547-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf-1&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15547-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf-1&Itemid=30192)> Acesso em: 27 maio. 2018. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

CAMARGO, Iberê. **Gaveta dos Guardados.** São Paulo: Edusp, 1998.

CHEMIN, Beatris Francisca. **Manual da Univates para trabalhos acadêmicos:** planejamento, elaboração e apresentação. 2. Ed. – Lajeado: Editora da Univates, 2012.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa.** São Paulo: Autores Associados, 2003.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade.** 7.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1996.

HORN, Cláudia Horn. SILVA, Jacqueline da Silva. & ABREU Luciane. **Práticas na Educação Infantil: da ação á reflexão.** Lajeado: UNIVATES, 2009. p 92.

LEWGOY, Alzira Maria Baptista; REIDEL, Tatiana. **Diário de campo:** O que é? Para que serve? Como elaborar? Porto Alegre: PUCRS, 2009.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Memória e estudos autobiográficos.** In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. A aventura (auto)biográfica: teoria & empiria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

MOURA, Eliana Perez Gonçalves de. **Da pesquisa (auto)biográfica à cartografia: desafios epistemológicos no campo da psicologia.** In: ABRAHÃO, Maria Helena

Menna Barreto. A aventura (auto)biográfica: teoria & empiria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de; OLIVEIRA, Vânia Fortes de; FABRÍCIO, Laura Elise de Oliveira. **O oral e a fotografia na pesquisa qualitativa**. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. A aventura (auto)biográfica: teoria & empiria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

POSTMAN, Neil; CARVALHO, Suzana Menescal de A.; MELO, José Laurenio de. **O desaparecimento da Infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

RODRIGUES, Hellen Cris de Almeida. **Narrativas Autobiográficas e a Constituição da Identidade Docente**: a configuração da experiência formadora por meio do Estágio Supervisionado. Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia. Universidade Federal de Roraima, Roraima, 2014.

SILVA, Everson Melquiades Araújo; ARAÚJO, Clarissa Martins de. **Reflexão em Paulo Freire**: uma contribuição para a formação continuada de professores. V Colóquio Internacional Paulo Freire – Recife, 19 a 22-setembro 2005. Acesso em: 14 de outubro de 2018. Disponível em:  
[http://189.28.128.100/nutricao/docs/Enpacs/pesquisaArtigos/reflexao\\_em\\_paulo\\_freire\\_2005.pdf](http://189.28.128.100/nutricao/docs/Enpacs/pesquisaArtigos/reflexao_em_paulo_freire_2005.pdf)

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais – A pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Editora Atlas, 1987.